

as mulheres sem títulos, eram objeto de escárnio, os doentes eram atirados aos despenhadeiros da imundície e os fracos e os velhos eram condenados à morte sem comiseração.

Aparece Jesus, porém, e a paisagem social se modifica.

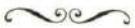
O povo começa a envergonhar-se de encaminhar os enfermos ao lixo, de decepar as mãos dos prisioneiros, de vender mães escravas, de cegar os cativos utilizados nos trabalhos de rotina doméstica, de martirizar anciãos e zombar dos humildes e dos tristes.

Um novo mundo começa...

Ao influxo do Divino Mestre, o homem passa a enxergar os outros homens.

O lar, a maternidade, o berçário, a escola, o hospital, o asilo, são recintos sagrados e um novo gênio de luz ergue-se muito acima daqueles que se faziam respeitar pela espada, pelo sangue, pela sagacidade e pela força, para governar as almas na Terra.

Sem palácio e sem trono, sem coroa e sem títulos, o gênio da Fraternidade penetrou o mundo pelas mãos do Cristo, e, sublime e humilde, continua, entre nós, em silêncio, na divina construção do Reino do Senhor.



SERVICO

"... Trabalhando para não sermos pesados a nenhum de vós." — Paulo.

(Tessalonicenses, 3:8.)

Antes de Jesus, o serviço, sem dúvida, constituía abjeção ou miserabilidade.

Exetuadas as lides da guerra e as preocupações da governança que representavam o trabalho honroso da habilidade e da inteligência, qualquer gênero de atividade era considerado esforço inferior que deveria ser relegado aos homens cativos.

O serviço-punição estava em toda parte.

Escravos nas letras.

Escravos no ensino.

Escravos na rotina doméstica.

Escravos nos espetáculos.

Escravos no mar.

Escravos no solo.

Onde estivesse alguém ajudando ao próximo, no uso respeitável dos braços, aí se achava um cora-



ção jungido à vontade despótica do senhor, sem qualquer direito à própria vida.

Com Jesus, porém, o trabalho começa a receber o apreço que lhe é devido.

O Mestre inicia o apostolado numa carpintaria singela. Em seguida, é o médico dos desamparados, sem honorários; é o enfermeiro dos aflitos, sem renumeração; o educador ativo, sem recompensa... E, por fim, consagrando o concurso fraternal na máxima expressão, lava os pés aos discípulos, qual se fora deles o escravo e não o orientador.

Desde então, a Terra se renova. Cada cristão abastado ou menos favorecido procura a posição que lhe cabe a fim de agir e ser útil.

Materializando o ensino do Senhor, Paulo de Tarso consome-se de fadiga, no trabalho incessante, a fim de auxiliar a todos, sem ser pesado a ninguém. E, de século a século, sob a inspiração do Amigo Celestial, o serviço é motivo de honra e merecimento, em plano cada vez mais alto, até que o homem aprenda por si mesmo a divina lição que indica por maior aquele que se fizer o servo de todos eles.



NA DIFUSÃO DO ESPIRITISMO

"E eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, para que fiaue convosco para sempre." — Jesus.

(João, 14:16.)

Na condição daquele Consolador prometido por Jesus à Humanidade, o Espiritismo, sem dúvida, atingirá todas as consciências.

Entretanto, à frente das múltiplas interpretações que se lhe imprimem nos mais variados núcleos humanos, de que modo esperar o cumprimento da promessa do Cristo?

Nesse sentido, recordemos os primórdios da Codificação Kardequiana. Preocupado com o mesmo assunto, Allan Kardec formulou a Questão n.º 798, de "O Livro dos Espíritos", à qual os seus Instrutores Espirituais, solícitos, responderam:

"Certamente que o Espiritismo se tornará crença geral e marcará nova era na história da Humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos. Terá,

